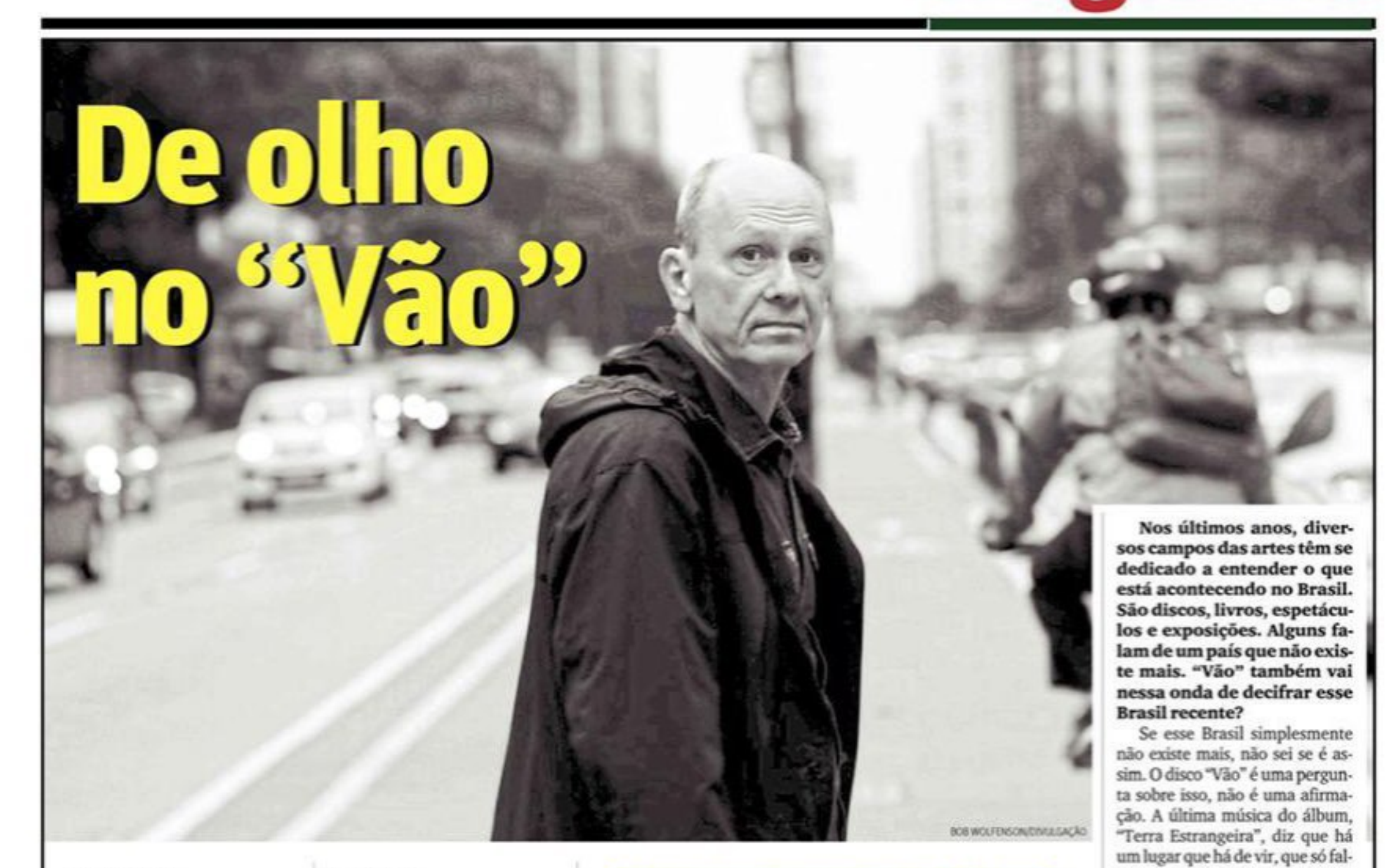
TEL: (31) 2101-3956
Editor: Fabiano Fonseca
fabiano.fonseca@otempo.com.br
e-mail: magazine@otempo.com.br
twitter: http://twitter.com/OTEMPOmagazine
Atendimento ao assinante: 2101-3838

Magazine

De olho no "Vão"



BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

Música

Poeta e compositor José Miguel Wisnik fala sobre seu disco mais recente, que reúne 11 faixas, muitas escritas "em estado de emergência" por causa da pandemia

■ BRUNO MATEUS

Na capa de "Vão", José Miguel Wisnik aparece de perfil numa foto P&B. Ele está no vão do Masp. Na contracapa do álbum, o centenário e majestoso jequitibá do Parque Trianon, localizado bem em frente ao prédio do Museu de Arte de São Paulo. É entre um e outro, entre o concreto e a natureza, entre o palpável e o etéreo, que entram a música, a poesia e as 11 canções que olham para um vão, que é buraco, vazio, brecha, fresta, mas também é verbo, ação, futuro. Entre um e outro estão, também, a vida e a vitalidade da cultura brasileira.

"O Jequitibá" abre o novo disco de Wisnik. Na letra, feita a quatro mãos com Carlos Rennó, o "gigante da floresta", significado do nome derivado do tupi-guarani, é celebrado como aquilo que veio antes de tudo: do Masp, da Fiesp, do arranha-céu, dos bancos, da ciclovia, das manifestações, da São Silvestre e do Conjunto Nacional.

"Era ele, o velho, belo e bom Jequitibá do Trianon", cantam Wisnik e Ná Ozzetti, uma das tantas convidadas de "Vão", que reúne parcerias inéditas com Arnaldo Antunes, Luiz Tatit, Paulo Neves e também com os filhos de Wisnik, Marina e Guilherme.

"Vão" é indefinível musicalmente; por outro lado, é direto e preciso quando, de uma rachadura, olha para o Brasil e pergunta que Brasil é esse que está diante de nós. Nesse sentido, o samba "Chorou e Riu", com participação de Mônica Salmaso e uma cuíca que soluça ao fundo, é magnífico. Deslumbrantemente perturbadora, a letra de Wisnik fala da "hora e vez dos imbecis e os imbecis dos imbecis" e da dor de ver um país cair no buraco da barbárie: "Quem acreditou/ Ao ver o encanto se quebrar/ O coração despedaçar/ E despencar no vão do horror".

"Falo também da extrema direita negacionista, que tem uma atitude necropolítica, que tem a morte como projeto político, que tem a ideia de armar o cidadão comum como se ele fosse um jagunço. A substituição do livro pela arma, o ataque à cultura, o gozo da violência, a desativação das instituições culturais, tudo isso com a caradura das fake news, da calúnia", comenta Wisnik, que toca piano ou teclado em todas as faixas, em entrevista a **O TEMPO**.

O compositor, no entanto, frisa que não escreveu os versos de "Chorou e Riu" tomado de derrotismo e melancolia: "É uma constatação. Há no Brasil uma pulsação que a música está querendo trazer e que só poderia se expressar num samba, porque o samba é capaz de ir fundo no Brasil".

Nas 11 canções e seus pouco mais de 43 minutos, "Vão", de alguma forma, procura por esse Brasil, "um lugar que há de vir, só faltou descobrir", como ele canta em "Terra Estrangeira", que encerra o álbum.

"Vão" tem toques de samba, blues, jazz, soul, fado, choro, música afro... Como o álbum aparece musicalmente para você?

Nunca fui um compositor ligado a um gênero. Acho que transito pelos diferentes gêneros. Sou fluido musicalmente, tenho uma formação de música clássica, quando estudei piano foi pensando em ser pianista de concerto, mas tudo me levou para a canção, para a relação da música com a poesia. A canção, para mim, foi importante, foi o momento em que houve uma explosão de todas as linguagens, da bossa nova ao tropicalismo, e tudo que se seguiu. Não me sinto identificado com um gênero musical ou outro, é como se as canções conversassem entre elas. Não sei dizer, de fato, a que gênero "Vão" pertence. "O Jequitibá" lembra uma toada paulista, mas não é muito bem-definido. "Chorou e Riu" é um samba lento que faz referência à bossa nova. "Roma" é uma balada mais ligado ao jazz, ao blues, eu poderia dizer. "Estranha Religião" tem participação do Baiana System, é um samba duro. "Terra Estrangeira", feita para o filme de mesmo nome, todo passado em Portugal e lançado em 1995, fiz como um fado, um choro.

À exceção de "Terra Estrangeira", o disco reúne composições de uma safra mais recente?

Uma parte delas já estava pronta antes da pandemia. Eu ia gravar o disco naquele momento, mas houve interrupções e mudanças gerais que me fizeram compor algumas coisas mais em estado de emergência. O repertório mescla composições de 2015 para cá com outras feitas agora, já nesse estado de coisas do mundo, da pandemia e da situação política do Brasil.

Nos últimos anos, diversos campos das artes têm se dedicado a entender o que está acontecendo no Brasil. São discos, livros, espetáculos e exposições. Alguns falam de um país que não existe mais. "Vão" também vai nessa onda de decifrar esse Brasil recente?

Se esse Brasil simplesmente não existe mais, não sei se é assim. O disco "Vão" é uma pergunta sobre isso, não é uma afirmação. A última música do álbum, "Terra Estrangeira", diz que há um lugar que há de vir, que só faltou descobrir e ainda quero ir. Justamente nessa música eu mesclei uma citação das Bachianas Brasileiras n.º 5, de Villa-Lobos. Também cito "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha. Tem conversa com Tom Jobim, Villa-Lobos, Glauber Rocha para falar de uma terra que a gente perdeu, não sabe onde está, desse lugar que não se realizou, mas que está em nós, que quer se realizar. É isso que o disco continua dizendo exatamente. Indo ao centro de sua pergunta, "Vão" diz isso de maneira indagativa, mas quer atravessar levando cultura. A cultura de um povo é aquilo que continua novo mesmo já tendo passado e continua inspirando as coisas do presente e do futuro. A cultura brasileira do século XX como elemento que continua a impulsionar, a inspirar e dar força.

Você lançou "Vão" recentemente em São Paulo. Há planos de viajar com o show para outras cidades?

É tudo que eu quero. BH é uma das primeiras cidades que estamos tentando viabilizar. Minas é um lugar muito caro para mim, para as minhas parcerias. Eu me sinto parte do Grupo Corpo, minha mãe era mineira, nascida no Triângulo Mineiro, numa cidade chamada Prata, mas ela viveu a infância e a adolescência em BH, cidade que mais ficou na memória dela, cidade que ela mais amava.

Scanned with CamScanner